

## A mulher bahiana e a luta contra o preconceito histórico no esporte em São Francisco do Conde (BA, Brasil)

Maria Clara dos Santos Conceição\*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-1299-807X>

**Resumo:** Os esportes são importantes na nossa vida porque proporcionam momentos de lazer e da conquista da melhor qualidade de saúde físico-emocional estável. Nisso, a sociedade tem rotulado esportes classificando-os como masculinos ou femininos. A mulher brasileira tem sentido preconceito e exclusão em alguns esportes considerados “esportes para homens”, como é o caso do futebol, baseball, golf, boxe entre outros. Hoje se discute igualdades entre homens e mulheres e os debates se estendem ao esporte. O preconceito e exclusão ainda acontecem não apenas nas zonas urbanas, mas também nas rurais, daí que se questiona: quais os motivos que levam os homens a excluir mulheres (de forma preconceituosa) quando praticam o boxe? Avançam-se hipóteses de que as mulheres podem se defender das agressões físicas feitas por homens; As tradições e as religiões não permitem que homens sejam iguais as mulheres. É uma pesquisa de campo realizada numa academia de boxe de São Francisco do Conde (BA) com cinco homens e cinco mulheres boxistas. Da pesquisa se conclui que as mulheres podem exercer a prática esportiva (o boxe) sem o sentimento de inferioridade em relação aos homens. As mulheres devem buscar espaço na sociedade independente de raça, sexualidade ou religião, sem querer igualar-se aos homens, pois elas têm características e qualidades próprias.

**Palavras-chave:** Direitos; Mulher; Preconceito; Esporte.

## The bahiana woman and the fight against historical prejudice in sport in São Francisco Do Conde (BA, Brazil)

**Abstract:** The sports are important in our lives because they provide moments of leisure and the achievement of the best quality of stable physical-emotional health. In this, society has labeled sports classifying them as male or female. The Brazilian woman has sensed prejudice and exclusion in some sports considered "sports for men", as is the case of soccer, baseball, golf, boxing among others. Today gender equality is discussed and debates are extended to sport. Prejudice and exclusion still occur not only in urban but also in rural areas, hence the question: what are the reasons why men exclude women (in a biased fashion) when they practice boxing? Hypotheses are advanced that women can defend themselves against physical aggression by men; Traditions and religions do not allow men to be equal to women. It is a field survey conducted at a boxing academy in São Francisco de Conde (BA) with five men and five women boxers. The research concludes that women can practice sports (boxing) without the feeling of inferiority in relation to men. Women must seek space in society independent of race, sexuality or religion, without wanting to equate with men, because they have characteristics and qualities of their own.

**Keywords:** Rights; Woman; Preconception; Sport.

## Wansati wa le Bahia ni ku lwisana ni xihlawuhlawu xa matimu eka mintlango eSão Francisco do Conde (BA, Brazil)

**Abstract:** Mintlangu i ya nkoka evuton'wini bya hina hikuva yi nyika minkarhi yo wisa na ku fikelela khwalithi ya kahle ya rihanyo leri tiyeke ra miri-mintlhaveko. Eka leswi, vaaki va thya mintlangu hi ku yi hlawula tanihi ya xinuna kumbe ya xisati. Vavasati va le Brazil va titwe va ri ni xihlawuhlawu ni ku hlongoriwa eka mintlango yin'wana leyi tekiwaka tanihi “mintlangu ya vavanuna”, yo tanihi

\* Bacharel em Humanidades pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, pesquisa coordenada/orientada pelo Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane.

bolo ya milenge, baseball, golf, mabokisi, exikarhi ka yin'wana. Namuntlha, ku vulavuriwa hi ku ringana exikarhi ka vavanuna na vavasati naswona minjhekanjhekisano yi anama ku ya eka mintlangu. Ku va na xihlawuhlawu na ku hlongoriwa swa ha endleka ku nga ri etindhawini ta le madorobeni ntsena, kambe na le makaya, hi swona ku nga xivutiso: hi swihi swivangelo leswi endlaka leswaku vavanuna va hlongola vavasati (hi ndlela ya xihlawuhlawu) loko va titoloveta mabokisi? Ku yisiwe swiringanyeto swa leswaku vavasati va nga tisirhelela eka ku hlaseriwa emirini hi vavanuna; Mindhavuko ni vukhongereri a swi pfumeleli vavanuna leswaku va ringana ni vavasati. I ndzavisiso wa nsimu lowu endlaweke eka ndhawu yo endla vutiolori ya mabokisi eSão Francisco de Conde (BA) laha ku nga ni vavanuna va ntlhanu ni vatlangi va ntlhanu va vavasati va mabokisi. Vulavisisi byi gimeta hi ku vula leswaku vavasati va nga titoloveta mintlangu (boxing) handle ko titwa va ri ehansi loko va pimanisiwa na vavanuna. Vavasati va fanele ku lava ndhawu eka vaaki ku nga khathariseki rixaka, rimbewu kumbe vukhongereri, handle ko lava ku ringana na vavanuna, tani hi leswi va nga na swihlawulekisi na timfanelo ta vona.

**Marito ya nkoka:** Timfanelo; Vavasati; Ku tika ka ha ri emahlweni; Mintlangu.

## Introdução

A sociedade brasileira é formada por um conjunto de ideologias e crenças culturais que estabilizam ou mesmo desestabilizam as normas de ser e de estar. Algumas ideologias prejudicam a boa convivência, outras separam e criam divergências entre indivíduos. As diferenças entre homens e mulheres resultam dessas ideologias que visam colocar o homem em vantagem ou ainda ser superior à mulher. As diversas versões de Bíblias Sagrada deixa bem escancarado. Aliás, o IBGE (2010, p.203) identificou que no Brasil 65% da população é católico romano, 13,4% é Evangélicos pentecostais/neopentecostais, 8% sem religião, 4,1% é Evangélico de Missão, 2,7% é de Outras religiosidades, 2% é espírita e 4,9% é Evangélico não determinado.

Como se pode observar, estamos diante de uma pressão ideológica machista religiosa, mas também cultural e político<sup>1</sup>. Estamos habituados com a ideia de que existe roupa para o homem e para a mulher, existe brinquedo para menino e brinquedo para menina, existem trabalhos para homens e trabalhos para mulheres ou ainda, existem espaços para homens e para mulheres, até cores para cada um dos gêneros. Há culturas que proíbem mulheres de dirigir viaturas, de jogar futebol e observamos uma discriminação clara e clássica entre homens e mulheres. Essas construções sociais e culturais estão enraizadas de tal forma que se torna automática no uso prático na sociedade brasileira. Falando sobre a cultura moçambicana, Timbane e Nhavenge (2018) mostram como no grupo tsonga há uma marcação rígida e clássica do gênero. Nos tsongas é o homem que casa a mulher e não o contrário. Qualquer tentativa de uma ação contrária, a mulher é acusada de “vulgar”, “indecente”, “interesseira”, “mulher da vida”,

---

<sup>1</sup> Vídeo do Jornal o Globo de 3 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XneG8mC5CGo>>.

etc. Essa ideia causa inúmeros problemas na cultura, especialmente no que diz respeito à afirmação da mulher devido a uma carga de tabus e regras transmitidas especialmente para mulher vinda da cultura e da religião “ditas conservadoras”.

Falando sobre “A influência da mulher no mundo: família, religião e sociedade”, Paixão (2012) mostra como a desigualdade de gênero está presente na sociedade, impulsionada pela religião, pois a Bíblia estabelece de forma clara os direitos e os deveres do homem e da mulher, deveres esses que não comungam com a ideia da igualdade. Paixão argumenta que a Bíblia apresenta ideias que não podem ser discutidas nem postas em causa porque a palavra de Deus é a verdade absoluta. Os esportes são importantes na nossa vida porque proporcionam momentos de lazer e da conquista da saúde que é o bem mais precioso. Praticar esporte é um modo de procurar uma saúde físico-emocional estável. A nossa sociedade rotula os esportes em gênero. É frequente ouvirmos falar que há esportes para homens e para mulheres. Cidadãos ou cidadãs que praticam esportes “ditos” contrários são criticados (as) e são desmotivados (as) para que possam desistir.

A mídia brasileira também propala esse preconceito tanto que na televisão só se assiste futebol masculino deixando de lado o campeonato brasileiro feminino. Sendo assim, a presente proposta pretende mostrar o lado menos visível, isto é, o lado das mulheres que são as mais sofredoras nesse preconceito, tal como veremos mais adiante. Tal como acontece com a divisão social do trabalho, o esporte tem a tendência à essa ideia. Por isso mesmo, há esportes para homens e para mulheres. O presente trabalho pretende desconstruir essa ideia fazendo com que todos (homens e mulheres) possam participar na busca dos direitos que cabem a cada um(a). A presente pesquisa surgiu da observação da discriminação sofrida por mulheres praticantes de boxe numa academia da cidade de São Francisco do Conde (BA). Muitas pessoas (especialmente homens) desencorajam mulheres que praticam boxe; Outros afirmam que mãe de família, do lar e de boa índole não pode praticar boxe porque ensina agressividade aos filhos; Outros afirmam que mulher que pratica boxe quer se defender da violência física do marido, o que faz com que o marido desta, sofra *bullying* (chacota) entre amigos e vizinhos: “...vai apanhar”.

Em pesquisas localizamos o filme “Menina de Ouro” que fala de uma mulher que buscou incessantemente realizar o seu sonho de se tornar uma boxeadora, lutando contra todas as barreiras e preconceitos, mas sem desistir. Esse filme motivou-nos a procurar compreender como o preconceito afetava socialmente a mulher e qual discurso

acompanha essa ideia. Um dos espaços a partir dos quais se pode refletir as relações de gênero que permeiam a sociedade é o esporte. Tendo em vista o boxe como um espaço tradicionalmente ocupado por homens que produtores de valores associados a masculinidade, a pesquisa visa analisar as questões de gênero que permeiam a inserção e a permanência de atletas femininas da Cidade de São Francisco do Conde (BA).

O convívio no mundo do Boxe, através da participação em treinos propiciou afirmação e compreensão sobre questões de gênero, assim como construções sociais e linguísticas que produzem os sujeitos, seus corpos e suas subjetividades. Dessa forma, homens e mulheres se constituem em contextos históricos, através das diferentes experiências que constroem em suas vidas, produzindo múltiplas formas de vivenciar masculinidades e feminilidades. Vivendo numa sociedade machista observa-se que existe preconceito na nossa sociedade que qualifica os esportes por sexos. Essa ideia milenar está enraizada na nossa sociedade. A presente pesquisa visa quebrar essa ideia tradicional mostrando que não existem esportes masculinos e femininos. A mulher procura se emancipar nos últimos tempos ocupando espaço no mundo esportivo, e assim quebrando paradigmas existentes na sociedade. A escolha deste tema visa combater o preconceito das pessoas, ao verem, mulheres independentes da idade, do estado civil ou da religião praticando o boxe e outras modalidades esportivas, supostamente denominadas masculinas.

A mulher brasileira tem sentido preconceito em alguns esportes considerados “esportes para homens”. O boxe é um desses esportes que coloca a mulher em segundo plano. Hoje se discute bastante a questão das igualdades entre homens e mulheres, afinal de contas, todos somos iguais. O preconceito ainda acontece nos dias de hoje e por isso se questiona: quais os motivos que levam as pessoas, a terem uma visão preconceituosa, para com as mulheres que praticam boxe? A primeira hipótese é a de que a nossa sociedade tem classificado o boxe como esporte masculino daí que há uma ideia preconceituosa que coloca o boxe como um esporte supostamente masculino. A segunda hipótese é a sociedade enxerga as mulheres como frágeis, incapazes e dotadas supostamente de atividades femininas, como a maternidade atividades voltadas para educação dos filhos e para culinária.

A questão mulher varia de cultura para cultura, de povo para povo, de etnia para etnia. O estudo de Timbane e Nhavenge (2018) mostra que há duas formas na organização social de diversos povos no mundo: os que se baseiam na linhagem matrilinear e os que lidam com a patrilinear. Na linhagem patrilinear, o homem tem espaço

mais privilegiado dominando a mulher em todos os aspectos. Na linhagem matrilinear é o contrário. Essa organização permite que haja diferenciação por gênero e perpetua as desigualdades sociais entre as pessoas. A dominação masculina, segundo Bourdieu resulta da primazia universalmente concedida aos homens e das estruturas sociais e “de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social” (Bourdieu, 2012, p.45). Esta ideia precisa ser revista na sociedade brasileira havendo necessidade de lutar pela igualdade dos direitos em diversas esferas da sociedade. De forma geral, a pesquisa visa analisar a discriminação e o preconceito na prática esportiva por parte das mulheres na Cidade de São Francisco do Conde. Especificamente, a pesquisa visa explicar as dificuldades encontradas pelas boxeadoras na prática do boxe; descrever o preconceito sofrido pelas mulheres que praticam o boxe; Conhecer aspectos qual influenciam a exclusão do esporte feminino.

## **1 Breve história sobre o boxe**

Para falarmos sobre o preconceito no boxe é necessário em primeiro lugar conhecer a uma breve história (do surgimento) do boxe, seu funcionamento e as regras do jogo. O boxe surgiu na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, cuja a prática era feita lutando de mãos nuas, tornando-se num esporte brutal e violento. Anos depois, o boxe começou a ser regulamentado, especialmente em 1867 com a formulação das Regras de Queenberry. O boxe é um desporto olímpico desde o seu surgimento, embora não tendo sido incluído nos Jogos Olímpicos de 1912, em Estocolmo já que nessa altura o esporte era proibido na Inglaterra. Com o passar dos anos foram surgindo muitas variações do boxe, sendo que as mais famosas são a tailandesa Muay Thai e a francesa Savate.

O ringue de boxe é de forma quadrada e devem ter por lado entre 4, 9 e 7 metros. Possui quatro cordas elásticas, com diâmetro entre 3 e 5 centímetros, sendo que devem estar penduradas nos postes a 41, 71, 102 e 132 centímetros de altura a contar do solo do ringue. Os postes devem ser revestidos e com uma superfície lisa para que não ocorra lesão ao pugilista quando acorrer embate contra um deles. O boxe é um esporte regulamentado, mas há diferença entre as regras do boxe olímpico e as do boxe profissional. O boxe olímpico tem de usar um protetor na cabeça enquanto no profissional é proibido usar. O boxe profissional vai até aos 12 *rounds* e para os homens são três *rounds* de três minutos cada. Para as mulheres, são quatro rounds de dois minutos. A

diferença do tempo e dos *rounds* resulta do estudo científico que mostra a diferença de formação biológica entre homens e mulheres.

O objetivo do boxe é acertar o maior número de golpes diretos no adversário, sendo que no final os juízes fazem uma votação entre eles até alcançar um veredito sobre qual dos atletas fez mais pontos com os golpes. Existem outras maneiras de se ganhar neste esporte que são: a) fazer com que o adversário caia 2 a 3 vezes na lona no mesmo *round* (o número depende da competição); b) fazer nocaute, sendo que o adversário cai no chão ou apoia-se nas cordas, e o árbitro conta até 10 e o atleta não consegue se levantar nesse tempo; c) o árbitro pode também marcar um nocaute técnico. Isso acontece quando um dos pugilistas leva vários golpes consecutivos e o árbitro considera que o pugilista não está em condições de reagir; d) quando um dos assistentes pode jogar a toalha ao chão, significando que está desistindo do combate.

## **2 Breve debate sobre a masculinidade do esporte na sociedade**

A masculinidade no esporte e na sociedade é muito grande. As sociedades tradicionalistas têm uma visão segundo a qual só os homens podem praticar determinados esportes, sendo que colocam as mulheres como sexo frágil. Segundo (Goellner, 2006) por força legal, as mulheres foram proibidas de praticar determinadas atividades corporais e alguns esportes, pois o sexo feminino era considerado como a natureza frágil que não deveria se expor ao que inclusive poderia masculinizar. Além do aspecto legal, a prática de algumas atividades corporais poderia atrapalhar a função social primária: a maternidade e o dever de manter a feminilidade e graciosidade inerentes ao sexo feminino. Segundo Goellner (2006), as práticas pertinentes às fortalecer seus corpos mantendo ainda a ideia de regeneração da sociedade por força legal, as mulheres eram aquelas consideradas adequadas ao corpo feminino e que visassem. Entretanto, ocorreram processos de transformação nos papéis sociais e na legislação, mudanças estas que se estendem aos âmbitos esportivos, profissional, familiar, entre outros, e que inclusive as coloca em posição visível na sociedade (Goellner, 2006).

Segundo Scott (1995, p.11 apud Conceição, 2009, p.748) “o gênero é um elemento constitutivo das relações sócias baseadas nas diferenças que distinguem o sexo; o gênero é uma forma primaria das relações significante de poder” de acordo com a definição tradicional de gênero, este pode ser usada como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino. No entanto, a partir do ponto de vista das ciências sociais e da psicologia, principalmente, o **gênero é**



**entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas**, levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres (Butler, 2013). Por ser um papel social, o gênero pode ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser entendido como algo mutável e não limitado, como define as ciências biológicas. Nos estudos biológicos, o conceito de gênero é um termo utilizado na **classificação científica e agrupamento de organismos vivos**, que formam um conjunto de espécies com características morfológicas e na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos funcionais, refletindo a existência de ancestrais comuns e próximos.

A mulher submissa ao homem, no contexto religioso é vista como o modelo e o padrão a seguir. Este conhecimento parte do princípio de que a humanidade sempre hostilizou as mulheres e que elas vêm buscando hoje quebrar este paradigma e buscar o seu 'lugar ao sol'. Isso não significa que os padrões ou a visão hegemônica sobre a corporalidade feminina não tenham se alterado. Segundo Aldelman (2003), com a ruptura ou declínio da domesticidade feminina, o padrão da fragilidade começa a ceder terreno a um novo ideal, mais adequado à noção da mulher ativa que começa a construir-se nas primeiras décadas do século XX. Apesar desses progressos, mais evidentes nos países desenvolvidos, ainda em muitos outros países ocorrem problemas quando não há uma correspondência entre sexo e gênero, ou seja, quando uma mulher é considerada masculina, é chamada de machona, e um homem considerado feminino é chamado de afeminado (Hellebrand, Marinez Domenegheni, 2007, p.28).

Drumont (1980, p.85) define machismo “com um sistema de representação – denominação ligada a intimidade sexual”. Significa que o machismo representa e articula relações reais e imaginárias, em que o homem se torna dominante com relação à mulher na sociedade (Drumont, 1980). O machismo se relaciona ao processo de dominação, disciplina e submissão da mulher perante o homem encontrado em muitos momentos na cultura e na história. O feminismo no Brasil inicia nos anos 1970 e tinha três tendências: a) feminismo liberal, b) feminismo socialista e c) feminismo radical.

O feminismo(s) não constitui um momento ou discurso resentido, é um movimento inclusivo. Não acontece uma guerra pela supremacia da identidade feminina. Há sim uma batalha pelo fim das identidades rígidas. O feminismo não é uma guerra das mulheres pelas mulheres (CONCEIÇÃO, 2009, p.755).

O feminismo é um movimento de inclusão da mulher na sociedade. As mulheres querem estar inseridas no turbilhão de mudanças sociais que estas revoluções trazem, principalmente para se sentirem mais cidadãs.

### 3 Preconceito do gênero no boxe e a linguagem machista

Iniciamos esta parte debatendo aspectos do gênero que se ligam em muitos momentos com o preconceito. A nossa sociedade (urbana e social) está cheia de preconceito que procuram sempre diferenciar homens de mulheres. Quase todas as religiões quanto as crenças tradicionais nos trazem imagem distorcida da mulher tratando-a como elo fraco, que precisa de mais cuidado se compararmos com o homem. Bourdieu (2012, p.82, grifos do autor) explica que

a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.

A nossa sociedade espera que a mulher tenha estas características que permitem a dominação, inclusive no esporte cuja situação é ainda mais grave, pois os homens acham que a mulher é incapaz. Ora, entendemos que a incapacidade é muito psicológica e cultural. Estudos de Bourdieu (2012), Goellner (2006), Paixão (2012), Souza (1994) e outros mostram que a mulher é capaz o suficiente do que muitos homens. O exemplo que daremos do filme assistido revela essa tese. Define-se por preconceito qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico. É um sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio. Designa-se por racismo, o sistema de desigualdades de oportunidade, inscritas na estrutura de uma sociedade, que podem ser verificados apenas estatisticamente através da estrutura de desigualdades raciais, seja na educação, na saúde pública, no emprego, na renda, na moradia, etc.

Tal sistema, ainda que não exista independente de seus agentes. Os cidadãos de um estado, não podem ser confundidos, seja com a doutrina, seja com sistema de atitudes, seja com os comportamentos individuais concretos. Isso porque alguém de raça ou cor que historicamente usufrua de menos oportunidades de vida não necessita, para acabar numa posição de inferioridade social, ser discriminado, sofrer preconceitos ou ser



inferiorizada doutrinariamente. Estando ou não no mercado, a maioria das mulheres realiza tarefas que são indispensáveis para a sobrevivência dos indivíduos a sua volta. Com jornadas duplas, triplas ou quádruplas ainda são mulheres. Merecem que os homens puxem a cadeira quando vamos se sentar, mas não se deve olhar atravessado no ambiente de trabalho quando os ordenamos, até porque ordem é ordem. Freitas e Severo, (2015) apontam que,

resultados acerca desta mudança social em relação ao papel da mulher evidenciam a necessidade de mudança nos pressupostos teórica – explanatórios da sociolinguística no Brasil. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010, por exemplo, aponta para o aumento de mulheres que são arrimo do lar, trabalhando fora de casa. Hoje, quem cuida dos filhos ainda é a mulher (babas, cuidadoras e profissionais de creches), mas não a mãe, e certamente o cuidado com o uso das formas linguísticas de prestígio como índice de ascensão social com as crianças sob seus cuidados e não é preocupação precípua destas mulheres como o seria para a mãe (FREITAS, SEVERO, 2015, p.7).

A mulher é um ser de força e grandeza, provedora da família, mãe, dona de casa, esposa e no olhar do homem isso não passa de pura obrigação e ainda são Insultadas. Nossa luta talvez nem seja contra o preconceito de gênero, porque esse é obvio que já conseguimos superar, seja mesmo para que todos passem a respeitar as supermulheres que somos e todos os papéis que exercemos. Ser mulher é lutar por causas que podem ser impossíveis e mostrar que podemos superá-las à cada dia. O filme “Menina ouro” da autoria Clint Eastwood, produzido no ano de 2005, mostra com muita clareza o preconceito de gênero. O mesmo conta, a história de uma garota determinada, que teve um sonho de tornar-se uma atleta do boxe. Ela procurou um treinador renomado e lhe pediu para treiná-la, ele imediatamente, recusa a proposta dizendo que não treinava mulheres. Orientou para que procurasse outra academia e que a mesma não tinha idade suficiente para praticar o boxe.

A garota insistentemente frequentava a academia para treinar solitariamente, procurando o treinador diariamente. Finalmente acabou sendo aceito oficialmente para treinar. Assim a atleta conseguiu alcançar seus objetivos. Pouco tempo depois, teve a carreira e sua vida interrompida por um golpe no ringue. O filme mostra com muita clareza o preconceito existente para com as mulheres na prática do boxe, por ser mulher e com idade elevada, sendo julgada por não estar apta para a prática esportiva. O filme nos mostra positivamente que, quando se tem determinação e força de vontade é possível chegar muito mais longe. Sendo assim, uma visão negativa que se mistura com o preconceito e pré-julgamento não leva a nenhum lugar. Pelo contrário constrói uma

sociedade opressora. Entretanto, o filme nos mostra a realidade que acontece na sociedade, por tanto, fazendo com que a sociedade venha analisar sobre a realidade referente ao preconceito e levando as pessoas a fazer uma análise de consciência que provavelmente culminará com a mudança de atitudes.

Por esta razão, um estudo de Fernandes e Mourão mostra que o boxe ajuda na construção de formas plurais de feminilidades marcadas pela força, determinação, garra e coragem (Fernandes & Mourão, 2013). Isso revela que a mulher é capaz de ganhar um protagonismo importante na construção da identidade e na afirmação própria. A luta que se coloca em jogo nestas ideias lida com preconceito social e cultural presente e enraizado na vida em sociedade. É importante observar que muitas doenças que atacam as mulheres na idade adulta e na velhice poderiam ser evitadas se as mulheres praticassem esportes enquanto jovem e/ou adulto. Por exemplo, as boxistas Adriana Araújo (60 kg) e Andreia (75 kg) foram classificadas na 15<sup>o</sup> e 25<sup>o</sup> posição respectivamente nos jogos olímpicos Rio 2016. Esse dado parece irrelevante, mas é muito importante para um país como Brasil onde o machismo é extremamente forte.

A maioria dos canais televisivos do Brasil quando falam de futebol se referem ao futebol masculino. Muitos programas esportivos quando falam de esporte se referem ao masculino e não feminino. Times femininos só são lembrados quando estão numa final ou numa competição internacional. Essa é uma manifestação clara da inexistência de vontade política e ideológica para elevar o esporte feminino. Poucas vezes se faz alusão ao esporte feminino como se o feminino não tivesse importância. Por exemplo: a jogadora Marta ganhou pela 6<sup>a</sup> vez o prêmio de melhor jogadora de futebol do mundo. Se fosse um jogador a cerimônia teria sido transmitida ao vivo e com pompa e circunstância. Se fosse homem quem ganhou (esta inédita vitória) teríamos reprises na TV e em quase toda mídia. O feito de Marta é único e inédito no Brasil e no mundo, mas como se trata de uma mulher a divulgação e publicidade ficaram reduzidas.

Segundo o Jornal “Folha de São Paulo” (2018) “Marta foi importante na classificação do **Orlando Pride** aos *play-offs* da liga americana na temporada 2017-2018”. E sua temporada de estreia nos Estados Unidos, ela marcou 13 gols, deu seis assistências e ficou em segundo lugar na votação de MVP (jogadora mais valiosa). A valorização da mulher e a criação de condições materiais e humanos para que ela desenvolva atividades esportivas é o primeiro passo. A falta de apoio à prática esportiva para mulheres no Brasil mostra como o preconceito é evidente na sociedade brasileira. O único esporte feminino que por sinal os media tem transmitido é o voleibol feminino. Os

restantes esportes são silenciados através do não financiamento ou patrocínio deste os grandes empresários até ao governo federal, estadual e municipal. Para terminar esta parte, podemos afirmar com certeza que o filme transmite uma gama de conhecimentos que ajudam na emancipação da mulher para que ela possa enxergar o mundo de forma livre e com confiança, pois ela é e sempre foi capaz. Espera-se que filme seja divulgado cada vez mais em comunidades onde esta liberdade da mulher ainda é colocada em causa.

O machismo incorporado na cultura e no pensamento da sociedade brasileira precisa ser estudado porque inibe o desenvolvimento do povo. Normalmente, as mulheres reproduzem o pensamento machista em suas ações e palavras, pois são tão afogadas em pré-conceitos e estereótipos usados todos os dias, em situações sociais e pela mídia, que tem dificuldade em pensar sobre suas existências, que são consideradas pela sociedade de menos valor (Burigo, 2016). Segundo Alves, o uso do vocábulo **homem** como sinônimo de ser humana, espécie humana e humanidade “torna as mulheres invisíveis, situando o homem como gênero universal e as mulheres como gênero particular. Por exemplo, quando alguém diz meus filhos ou meus alunos, as filhas e as alunas ficam subsumidas” (Alves, 2004, p.17).

Mulheres têm valor quando lavam a louça, são comportadas quando usam roupas consideradas adequadas, são femininas quando se comportam e falam tal como a sociedade moldou. Estes são estereótipos que revelam a pressão de “ser” mulher. Homens existem para serem protetores, trabalhadores, bons motoristas (“porque mulher dirige mal”), que gostam de futebol, que vestem roupas de cor azul (porque as mulheres só podem vestir-se de cor de rosa), ficam ou beijam com muitas mulheres (por isso são considerados “pegadores” e não “putas”). Enquanto isso as mulheres que tentam se comportar dessa forma são automaticamente excluídas e conotadas como “putas”, “raparigas”, moças de má vida, mulheres fáceis, indecentes.

É dentro dessa perspectiva machista que acontecem os estupros. É o machismo que encoraja os estupradores. Este ano, as mulheres ganharam um aliado importante: o agravamento de penas para estupradores. Estamos falando da Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018 (BRASIL, 2018, s.p.) que

Tipifica os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, torna pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelece causas de aumento de pena para esses crimes e define como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo.

Há um jogo de sociabilidade e aceitação muito doentio acontecendo todos os dias em várias situações. O cidadão não é incentivado a refletir sobre seus comportamentos e papéis, mas sim a ser ignorante, a não formar sua opinião profundamente, a usufruir de opiniões prontas, rasas e confortáveis, principalmente pela mídia e pelos sistemas sociais sexistas, racistas, classistas, separatistas.

A população é objeto de manipulação da mídia. Quando se repete uma mensagem várias vezes ela se torna “natural”. Isso precisa mudar. O feminismo precisa entrar na vida das pessoas. Para isso precisa-se estudar mais arte, humanidades, história e, principalmente, ouvir as mulheres. É importante que as mulheres se revoltam contra sistemas de opressão embutidos na cultura. São sistemas que nos corrompem na raiva pelo outro diferente, é algo que poderia ser feito com cumplicidade, ouvindo quem sofre, tendo mais empatia com o outro, uma curiosidade saudável sobre o outro.

No campo da cultura observamos que muitas novelas e programas televisivos repetem atitudes machistas que impedem a atuação da mulher no esporte e na vida em sociedade. O feminismo é para todas e todos, e feministas têm um papel social efetivo: estudar, manter-se a par das formas como o machismo se apresenta, dialogar, aprender e ensinar a refletir sobre a lavagem cerebral pela qual todos passamos todos os dias.

mais uma das mudanças mais importantes na condição das mulheres e um dos fatores mais decisivos da transformação dessa condição é, sem sombra de dúvida, o aumento do acesso das jovens ao ensino secundário e superior que, estando relacionado com as transformações das estruturas produtivas (sobre tudo desenvolvimento das grandes administrações públicas ou privadas e das novas tecnologias sociais de organização de quadros). Levou a uma modificação realmente importante da posição das mulheres na divisão do trabalho: observa-se, assim, um forte aumento da representação de mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas diferentes formas de venda de serviços simbólicos (jornalismo, televisão, cinema, rádio, relações públicas, publicidade, decoração) e também uma intensificação de sua participação nas profissões mais proximais da definição tradicional de atividades femininas (ensino, assistência social, atividades paramédicas) (Bourdieu, 2012, p.108).

As mulheres, principalmente as jovens, estão buscando adquirir conhecimento intelectual e profissional, para galgar um espaço digno na sociedade, mesmo que seja nas profissões supostamente ditas para mulheres. Terminamos esta parte defendendo que o feminismo é um conjunto de movimentos políticos, sociais, ideologias e filosofias que têm como objetivo, alcançar todos os direitos para as mulheres. Os manuais escolares deveriam trazer esta temática para que seja discutido em sala de aula. O

esporte feminino deveria ser valorizado pela escola dando espaço para que todos sem exceção tenham a oportunidade de praticar os esportes. Passemos para a metodologia.

#### **4 Reflexões metodológicas e análise de dados**

A presente pesquisa foi realizada na **Academia Revelação**, localizada na cidade de São Francisco do Conde – BA. A Academia possui alguns instrumentos de proteção como luvas e capacete de proteção. Para o desenvolvimento da pesquisa entrevistou-se cinco (5) homens e cinco (5) mulheres praticantes do boxe amador. Os informantes são moradores da cidade e são maiores de idade. Os critérios da escolha dos informantes foi: ser são franciscanos; ser maior de idade; ser praticante de boxe. A divisão por gênero se justifica pelo fato de a nossa sociedade ser preconceituosa e proibir que as mulheres façam este esporte. Todos os entrevistados foram informados sobre a gravação da entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram feitas seis perguntas para as mulheres e cinco para os homens. As respostas foram gravadas com telefone da pesquisadora. As perguntas para as mulheres foram: (i) O que te levou a praticar o boxe?; (ii) Você já ouviu algo preconceituoso com relação as mulheres que praticam esta modalidade esportiva?; (iii) Qual a sua atitude no momento?; (iv) Como a sociedade lhe enxerga? (v) Como você analisa o preconceito, para com as mulheres que praticam o boxe na cidade de São Francisco do Conde? (vi) Qual a influência que a mulher exerce na sociedade, ao praticar esta modalidade esportiva?

As perguntas para os homens foram: (i) Como você observa as mulheres na pratica do boxe? (ii) Você consegue observar algo positivo nas mulheres na pratica do boxe? (iii) Qual a influência que a mulher exerce na sociedade, ao praticar esta modalidade esportiva? (iv) Qual iniciativa os homens poderiam tomar para aumentar a participação das mulheres nesse esporte? (v) Fisicamente, como as mulheres são avaliadas com esse esporte?

Após a gravação, as entrevistas foram transcritas e analisadas qualitativamente. As respostas foram analisadas separadamente sendo primeiro as respostas das mulheres para depois analisar as respostas dos homens. Das análises separadas por sexo se chegou as considerações apresentadas na presente pesquisa. Há que observar a importância da entrevistada ser moradora da comunidade, o que permitiu que os informantes falassem abertamente e sem receio.

Quanto a primeira pergunta, as mulheres foram unânimes ao afirmar que elas treinam boxe para se manter fisicamente bem e se defender (defesa pessoal) em caso de ataque. A pesquisa mostrou que por serem mulheres que praticam o boxe sofrem preconceito (piadinhas/engraçadinhas) dos homens, como se o boxe fosse para os homens somente. Quando ouvem piadinhas, as mulheres ganham força e treinam cada vez mais. Não ligam para esse *bullying*. Mas houve caso de uma participante que abandonou por causa desse preconceito e que mais tarde foi incentivada pelo sogro para voltar a treinar. Os dados mostraram que em São Francisco do Conde, as pessoas ainda têm preconceito por pensar que só os homens podem treinar boxe. As mulheres afirmaram que elas se reinventaram tal como se vê na foto 1. A presença delas na Academia se torna por vezes um incômodo para os homens. As mulheres acham que devem insistir e continuar a prática do boxe, não apenas por causa de saúde e defesa pessoal, mas também para combater o preconceito presente naquela cidade. A entrevista com as mulheres foi importante para perceber o distanciamento criado pela sociedade na classificação de esportes para homens e para as mulheres. A falta de materiais foi unânime entre as entrevistadas, o que desencoraja por um lado, porque os materiais de boxe são caros. Em muitos momentos elas compram materiais do brechó e que clamam pelo apoio da Prefeitura. A foto 1 permite compreender as dificuldades.

Com relação as respostas das entrevistas dos homens, a pesquisa revela que os homens não se importam quando as mulheres praticam o boxe. Essa resposta foi comum diante do gravador, mas entre eles há realmente essa desconfiança. Os homens foram indiferentes quando as mulheres praticam o boxe. Essa indiferença faz com que eles não apoiem nas atividades. Há, no entanto uma separação espacial. No caso da foto 1 é uma exceção. Para os homens, a prática do boxe não muda em nada na sociedade. Não há obstáculo para que as mulheres pratiquem. Nenhum dos homens entrevistados trouxe a sua mulher para a Academia de Boxe. Esse dado mostra que os homens querem que as mulheres dos outros treinem e não as suas. Essa atitude nos parece ir ao encontro do preconceito já discutido com pormenor na presente pesquisa. De forma geral, os homens não apresentaram nenhuma proposta de incentivo para aumentar a participação das mulheres nesse esporte. Finalmente, os homens acham que as mulheres que praticam o boxe são corajosas, desimpedidas, livres e, sobretudo prontas para se defender em caso de ataque físico.



## 5 Considerações finais

Da coleta dos depoimentos se observou que as mulheres podem exercer a prática esportiva (o boxe) sem o sentimento de inferioridade em relação aos homens. As mulheres têm que buscar seu espaço na sociedade independente de raça, sexualidade ou religião, sem querer igualar-se aos homens. A mulher não precisa desta igualdade, a mulher tem suas características e qualidades próprias. A mulher tem que tomar a direção da sua vida, sendo ela mesma e não parando na barreira do preconceito existente principalmente na Cidade de São Francisco do Conde (BA). Sempre buscar seus objetivos sem medo de ser feliz. As mulheres reproduzem o que lhes é imposto pela sociedade, sobre o que é considerado **certo**, ou **de valor**. Muitas mulheres promovem a ideia de que são inferiores. Mesmo sendo as maiores vítimas do machismo, elas não conseguem se libertar devido à religião e a cultura machista enraizado na sociedade. Segundo Pinto (2010) e Hita (2002) é preciso reinventar sujeitos criando uma nova identidade que valoriza homens e mulheres com igualdade. Nada disso exclui o fato de que homens também sofrem com o machismo. Não como vítimas, mas sofrem com a sociedade machista que os pressiona, de maneiras objetivas e subjetivas, a o serem também.

Da pesquisa se interpreta que os homens são ensinados desde pequenos a exercer o poder sobre as mulheres, e as mulheres são ensinadas a aceitar isso, tornando-se vítimas de uma rede de ignorância sexista. Por isso, as mulheres encontram dificuldade para serem livres, para pensarem e terem poder sobre si mesmo e seus corpos, aceitando ser julgadas a todo o momento. Seria importante que avançássemos mais com estudos científicos que analisam a participação da mulher no boxe. Essas publicações deveriam ser divulgadas em escolas para jovens e adolescentes por forma a que o preconceito se reduza cada vez mais. Falando sobre o boxe praticado por mulheres no Brasil, Silvani e Cavichioli (s.d) apontam que o governo poderia investir na educação física da mulher e no desenvolvimento do esporte feminino como forma de proteger a população contra as doenças que atingem a mulher na fase adulta.

Na pesquisa conclui-se que no estudo da história das mulheres e de gênero, nasce atrelado às reflexões do pensamento feminista e à compreensão de que as relações de gênero devem ser pensadas como construções sociais mutáveis, e não a partir dos pressupostos imutáveis de gênero. Tal concepção permite a abertura de um amplo leque de possibilidades para os diferentes campos do saber e se configura num mecanismo de transformação dos modelos rígidos que definem o lugar social de cada indivíduo.

Podemos entender que a dificuldade de inserção feminina se deve muito ao comportamento, às configurações históricas, às dominações e às estruturas obscuras encontradas neste ambiente. Mulher nasceu sofrendo preconceito, desde os primórdios e era considerada um ser inferior e de baixa resistência. Podemos observar a mulher como um homem, só que com jornada dupla. Além dos já rotineiros serviços domésticos, elas estão assumindo cargos muito mais importantes nas grandes empresas e acabando com a antiga e injusta realidade dos homens.

Nessa perspectiva, o esporte contribui para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos e constitui-se em uma prática emancipatória, principalmente para sujeitos em condições de vulnerabilidade social. Assim sendo, as mulheres, pelas condições de trabalho que vêm sendo submetidas no mercado de trabalho contemporâneo, podem se beneficiar com o esporte, de maneira a romper barreiras de exclusão social e atingir novos padrões de qualidade de vida. A prática do esporte é importante na vida dos cidadãos porque proporciona uma melhor qualidade de vida e o bem-estar. É necessário que as atividades esportivas sejam incentivadas e motivadas para que haja uma boa qualidade de vida. A Cidade de São Francisco de Conde possui vários espaços esportivos e com instrumentos de musculação e de exercícios físicos. É um ganho importante para os cidadãos, mas ainda faltam mais estruturas no recôncavo baiano. Nessa luta se incluiu o incentivo para a participação das mulheres no esporte como forma de diminuir o preconceito e oferecer uma vida melhor às cidadãs são franciscanas. A reflexão, a discussão e o aprendizado sobre o boxe é uma possibilidade para a superação de preconceitos e dificuldades diante da prática feminina no esporte.

Da pesquisa se concluiu as mulheres procuram o seu espaço e deveria ser apoiado pelos homens. A questão não é luta pela igualdade, quer dizer, as mulheres não precisam ser iguais aos homens, pois jamais poderão ser. O que se procura é a igualdade nos direitos e deveres como seres humanos com capacidades e habilidades. A escola, a mídia, os políticos e a sociedade devem cada um fazer a sua parte para que a mulher seja valorizada na sociedade.

## Referências

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: (re)significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**. vol.11, nº, Florianópolis, p.445-465. jul./dec.2003.
- ALVES, J. E. D. **A linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatística, 2004.

Maria Clara dos S. Conceição, *A mulher baiana e a luta contra o preconceito histórico no esporte* .

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuher. 11.ed. Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL.2010. **Atlas do Censo Demográfico 2010: diversidade cultural**. Brasília: IBGE.

Disponível em:

[https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_nao%20determinada\\_Diversidade%20cultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf)>.A

cesso em: 11 jan.2020.

BRASIL. **Sancionada lei que aumenta pena para estupro coletivo e tipifica a importunação sexual**. Lei 13.318/2018. Senado Federal. 25 set. 2018.

BURIGO, J. **Machismo, estereótipos e o papel do feminismo**. CDMJ. 3 de mai. 2016.

Disponível em: <<http://casadamaejoanna.com/machismo-estereotipos-e-o-papel-do-feminismo/>>. Acesso em: 07 nov.2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CONCEIÇÃO, A. C. L. da. Teorias feministas: A questão da mulher ao enfoque de gênero.

**RBSE**, vol.8, nº24, p.738 – 757, dez. 2009.

DRUMONT, R. P. Elementos para análise do machismo. **Revista Perspectivas**. São Paulo, vol.3, nº1, p.81-85, 1980.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L. Representações de feminilidades no boxe para mulheres.

**Seminário Internacional Fazendo Gênero**, Nº 10, Florianópolis, 16 a 20 de setembro 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Pela sexta vez, Marta é eleita a melhor jogadora de futebol do mundo**. São Paulo: Folha Press. 2018. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/09/pela-sexta-vez-marta-e-eleita-a-melhor-jogadora-do-mundo.shtml>>. Acesso em: 11 ago 2019.

FREITAG, R. M.; SEVERO, C. G. **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, vol.8, nº1, p.85-100, jan./jun.2006.

HILLEBRAND, M. D.; GROSSI, P. K.; MORAES, J. F. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **Revista Psico**, Porto Alegre, PUCRS, vol. 39, nº 4, p. 425-430, out./dez.2008.

HITA, M. G. Igualdade, Identidade e diferenças: feminismo na reinvenção de sujeitos. in: ALMEIDA, H. B. (Org.). **Gênero em matizes**. São Paulo: Ed. USF. 2012, p.319-351.

Maria Clara dos S. Conceição, A mulher baiana e a luta contra o preconceito histórico no esporte .

JORNAL O GLOBO. **Menino veste azul e menina veste rosa, defende a ministra Damares.** Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=XneG8mC5CGo>>. Acesso em: 11 jun.2020.

PAIXÃO, C. **A influência da mulher no mundo: família, religião e sociedade.** Brasília: Exitum, 2012.

PINTO, C. R. J. P. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e política.** Curitiba. vol.18, nº36, p.15-23, 2010.

SALVINI, L; CAVICHIOLLI, F. R. O boxe praticado por mulheres no Brasil: nota sobre o impacto da inclusão como esporte olímpico. **12º Congresso Argentino e 7º Latino Americano de Educação Física e Ciências.** s.l. s.d.

SILVA, B. B. P. O; CAVICHIOLLI, F. R.; CAPRARO, A. M. Adesão e permanência de mulheres no boxe em Curitiba-PR. **Revista Motrivivencia.** vol.27, nº45, p.124-137, 2015.

SOUSA, E. S. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese de doutorado em Educação. Cidade Universitária Zeferino Vaz – Barão Geraldo. Campinas: Unicamp, 1994.

TIMBANE, A. A; NHAVENGE, F. P. A diversidade cultural em África o caso do casamento tradicional no grupo étnico tsonga de sul de Moçambique. **Observatório da diversidade cultural.** v.79, n.4, p. 37-50, jul./ago. 2018.

TOOLE, F. X. **Menina de ouro.** Lakeshore Entertainment. Dir: Clint Eastwood, EUA, 2004.

Recebido em: 25/06/2022

Aceito em: 04/09/2022

Para citar este texto (ABNT): CONCEIÇÃO, Maria Clara dos Santos. A mulher baiana e a luta contra o preconceito histórico no esporte em São Francisco do Conde (BA, Brasil). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras.* São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 2, p. 407-424, jul./ dez. 2022.

Para citar este texto (APA): Conceição, Maria Clara dos Santos. (jul./dez.2022). A mulher baiana e a luta contra o preconceito histórico no esporte em São Francisco do Conde (BA, Brasil). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras.* São Francisco do Conde (BA), 2 (2): 407-424.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>